

# Saúde incorpora tratamentos alternativos

**Homeopatia e acupuntura  
estão atraindo  
setores da saúde  
pública no Brasil**

CRISTINA PORTELLA

No próximo dia 31, em Salvador, será realizado o I Encontro Interestadual de Práticas Não Alopáticas. O evento, ao contrário do que poderia dar a entender à primeira vista, não terá o patrocínio de uma entidade alternativa, mas o próprio governo, através do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds). A institucionalização das terapias não convencionais — como a homeopatia, a acupuntura, a fitoterapia (tratamento à base de ervas) dezenas de outras — é um fato que pode ser comprovado mesmo em Estado onde a medicina tradicional possui um grau de sofisticação comparável aos grandes centros mundiais, como em São Paulo.

A experiência do Núcleo de Atendimento e Pesquisas de Terapêuticas Alternativas, um posto de saúde do Suds — São Paulo localizado no Belezinho, na Zona Leste, demonstra que as terapias alternativas agradam aos clientes. "Já temos 980 pacientes matriculados e só temos vagas para novas consultas em novembro", diz a médica Cláudia Meirelles Dalla, uma das seis homeopatas que clinicam no posto. Além da homeopatia, o núcleo oferece também o tratamento através da acupuntura, realizado por dois especialistas.

Para Cláudia, o sucesso do único posto de saúde do Suds especializado em práticas alternativas está na qualidade do atendimento: "A relação médico-paciente no sistema de saúde pública está muito desgastada", diz ela. Uma consulta, que em um posto de saúde alopático leva no máximo 15 minutos, no posto do Belezinho não dura menos que um hora. "Durante a consulta estabelecemos um vínculo afetivo com o paciente que a medicina tradicional per-



Luis Antonio Costa/AE

*A homeopata Cláudia: vínculo afetivo com o paciente que a medicina tradicional perdeu*

deu", explica a homeopata. Cláudia considera que o preconceito contra as práticas alternativas está sendo destruído aos poucos. "O importante é realizar um trabalho bem feito e ir ganhando espaços", diz.

Não criar polêmicas com a medicina tradicional também é uma preocupação da Associação Internacional de Terapias Alternativas (Aita) que tem sua sede no Brasil. "Nosso objetivo é estabelecer uma ponte entre o conhecimento existente e as terapias de vanguarda, respeitando todos os pontos de vista", explica a psicóloga Julika Kiskos, presidenta da Aita. Segundo ela, a medicina complementar não deve ser confundida com práticas místicas. "Nós defendemos uma visão integral do ser humano, na qual a prevenção da doença, ou a manutenção da saúde, tem uma importância fundamental."